

Imprensa estudantil no Ensino Secundário – no antigo Sul de Mato Grosso (indiviso): em estudo a materialidade do jornal ABC Literário na década de 1960

Student press in Secondary Education – in the former south of Mato Grosso (undivided): study of the materiality of the newspaper ABC Literário in the 1960s

Cintia Medeiros Robles Aguiar*
Jacira Helena do Valle Pereira Assis**

Resumo: Os jornais estudantis constituíram-se das mais variadas formas, inserindo-se no cotidiano de escolas públicas e privadas. Tem-se como objetivo caracterizar o jornal *ABC Literário*, a partir de sua materialidade. Apreende-se o jornal escolar que circulou no Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados, cidade na faixa de fronteira brasileira com o Paraguai, na condição de “documento/monumento” inserido na perspectiva da Nova História Cultural. Os resultados sinalizam que o jornal escolar se tornou um importante instrumento no processo civilizador que a instituição necessariamente deveria desencadear com os estudantes, seus familiares e a sociedade local. Conclui-se que o impresso

Abstract: The student newspapers were constituted in the most varied ways, inserting themselves in the daily life of public and private schools. The objective is to characterize the newspaper “ABC Literário” from its materiality. The school newspaper circulated at Osvaldo Cruz de Dourados Gymnasium, a city within the Brazilian border with Paraguay, is seized as a “document/monument” inserted in the perspective of the New Cultural History. The results indicate that the school newspaper has become an important instrument in the civilizing process that the institution should necessarily trigger with students, their families and local society. It is concluded that the student form has the potential

* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (Gepase/CNPq). *E-mail:* cintia.robles@outlook.com

** Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEdu/FAED/UFMS). *E-mail:* jpereira.dou@terra.com.br

estudantil tem potencial de fonte e objeto de pesquisa na investigação da trajetória da referida instituição de ensino secundário, das práticas e representações criadas em torno da instituição e do movimento secundarista estudantil.

Palavras-chave: Impresso estudantil. Ensino secundário. Materialidade.

of source and object of research in the investigation of the trajectory of the referred secondary education institution, the practices and representations created around the institution and the student secondary movement.

Keywords: Student form. High school. Materiality.

Introdução

Desde as primeiras décadas do século XX, estimuladas pelos protagonistas do escolanovismo, os jornais estudantis constituíram-se de variadas formas, inserindo-se no cotidiano de escolas públicas e privadas, e foram uma das instituições complementares à escola, como sugerem os estudos de Dóris Bittencourt Almeida e Maria Helena Camara Bastos (2015); as autoras assinalam que, na segunda metade do século XIX, já se encontram vestígios de jornais infantis e escolares no Brasil.

Apreende-se o jornal *ABC Literário* que circulou no Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados, cidade na faixa de fronteira brasileira com o Paraguai, na condição cunhada por Jacques Le Goff (2003, p. 536) como “documento/monumento” por duas razões objetivas, a saber: a primeira por ser “[...] um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”; e a segunda, porque o interpretamos como um dispositivo que fornece indícios do passado.

O *ABC Literário* consistiu em um jornal estudantil mensal feito por e para estudantes e, como tal, pode ser compreendido como parte da imprensa de educação periódica. Para Bastos (2015, p. 21), a imprensa se configura como “[...] um *corpus* documental de vastas dimensões, pois é um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional”.

Na mesma perspectiva, Denice Barbosa Catani e Maria Helena Camara Bastos (2002) o definem como um guia prático do cotidiano escolar e educacional, que permite ao pesquisador

[...] estudar o pensamento pedagógico de um determinado [...] grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos

temas debatidos, dentro e fora do universo escolar [...] contém e oferece muitos dados básicos para a compreensão da História da Educação e do Ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, além das práticas educativas e escolares (CATANI; BASTOS, 2002, p. 5-6).

Sob essa ótica, a categoria de análise deste estudo adentra especificamente o campo da pesquisa historiográfica em Educação dos impressos jornalísticos estudantis, produzido por e para estudantes.

Embora pesquisadores da História da Educação brasileira venham empreendendo esforços para valorizar a escrita estudantil, como documento válido para a compreensão da História da Educação nos últimos anos, e a produção de artigos, monografias, dissertações e/ou livros sobre impressos tenha obtido avanços, o impresso estudantil, especificamente, conforme atesta Bastos (2015), ainda é pouco explorado:

[...] quando se adentra no campo da pesquisa historiográfica dos impressos estudantis, **produzidos pelos e para os alunos**, os estudos são raros tanto para o Brasil como para outros países da América Latina, em que foi possível consultar pesquisadores da área (Chile, Argentina, México) (BASTOS, 2015, p. 23, grifo nosso).

Mais raros ainda são os estudos que tomam a imprensa estudantil como fonte e objeto de pesquisa, entendendo a como o conjunto de “[...] jornais, boletins, revistas, magazines [...]” (BASTOS, 2015, p. 22) produzido por e para estudantes.

Assim, tem-se como objetivo neste estudo caracterizar o impresso a partir de sua materialidade, circunstanciado em um projeto coletivo, dentro de um contexto histórico articulado a determinados grupos e interesses, com vistas a contribuir na ampliação do uso do documento como fonte e objeto de pesquisa. Ante estas considerações, adota-se um recorte histórico e temporal expressivo, voltado apenas para impressos estudantis vinculados ao ensino secundário ginasial, no Brasil do século XX.

Entende-se que impressos estudantis são produzidos dentro de um contexto histórico específico, implicado por aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, portanto, focaliza-se a questão da materialidade

do impresso e a sua historicidade, indissociável de suas condições de produção, circulação, transmissão e recepção. A organização proposta focaliza a relação da imprensa estudantil com o Ensino Secundário e caracteriza a materialidade do impresso, e no final apresentam-se os resultados e as considerações.

Imprensa estudantil no Ensino Secundário

A imprensa estudantil no contexto da Espanha, conforme Hernández Díaz (2015), esteve ligada às disciplinas que tratavam do ensino da língua ou da literatura, tendo mais relação com a produção textual em si do que com uma atividade propriamente jornalística, contestadora ou crítica. Segundo o referido autor,

a imprensa dos colegiais [...] é resultado de uma experiência pedagógica autônoma dos adolescentes de uma escola particular, ou de uma escola secundária pública, que geralmente está localizada no campo do ensino da língua e da literatura e, portanto, geralmente tem aprovação, inclusive com o apoio do professor dessas disciplinas. Portanto, o jornal desses adolescentes geralmente se torna uma oportunidade de expressar vocações literárias, poéticas ou narrativas no papel, e em menor grau, críticas à instituição a que pertencem (HERNÁNDEZ DÍAZ, 2015, p. 4-5, tradução nossa).¹

Já no Brasil, os impressos estudantis produzidos pelos secundaristas, que tiveram maior intensidade e circulação em várias cidades brasileiras, entre as décadas de 1930 e 1960 (AMARAL, 2013, p. 129), relacionavam-se a uma crescente participação social e política dos estudantes, sendo que a imprensa, no contexto brasileiro da época, representava um espaço fundamental como meio de comunicação social.

No caso das escolas de ensino secundário, essas atividades resultavam, também, do incentivo e orientação contidos na legislação. Como o ensino era fundamentalmente propedêutico, as atividades que despertavam o espírito de iniciativa e de liderança nos jovens que se dirigiam aos cursos superiores eram sempre bem-vindas. E, indubitavelmente, os jornais estudantis, representavam uma importante atividade pedagógica tendo em vista esse fim (AMARAL, 2013, p. 130).

Assim, essa atividade ia ao encontro da ideia da escola ativa, centrada no interesse dos alunos. Nesse sentido, interessa aqui ressaltar o art. 46 do capítulo XII da Lei Orgânica do Ensino Secundário (BRASIL, 1942), que trata “dos trabalhos complementares”:

[...] os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo, do gosto artístico e literário. Merecerão especial atenção as instituições que tenham por objetivo despertar entre os escolares o interesse pelos problemas nacionais (BRASIL, 1942, p. 6717).

Conforme Amaral (2002), essa prerrogativa legal serviu de incentivo às práticas discentes para além da sala de aula, práticas estas que já vinham ocorrendo nos colégios de Ensino Secundário no Brasil, muitas desde a criação de alguns desses colégios com a emergente República.

Não obstante, estudos de Giani Rabelo (2013), que versam sobre “Associações Auxiliares da Escola – AAEs”² trazem subsídios que nos aproximam da relação entre a imprensa estudantil e o Ensino Secundário. De acordo com a autora, as associações, presentes desde o início do século XX nas escolas brasileiras, seguiam os preceitos nacionais. Em Santa Catarina, as legislações datadas de 1944 descrevem as normas para o funcionamento das associações de forma detalhada, informando que estas

[...] constituíam grupos organizados no interior das instituições escolares primárias, fossem elas públicas ou particulares, com um propósito comum de integrar o corpo discente, estimulando uma formação cívica, moral e intelectual através do exercício de “atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação”, contribuindo igualmente com o processo de busca por uma identidade nacional (ZEN, 2006, p. 2335, *apud* RABELO, 2013, p. 203).

Do ponto de vista de Vanessa Massiroli e Giani Rabelo (2015), a ação educativa das associações, estabelecidas principalmente na legislação catarinense, identificou um forte discurso escolanovista:

[...] que aponta para a ideia de que as AAEs tinham o propósito de integrar no quadro de vida escolar métodos pedagógicos ativos, que levassem para dentro dos estabelecimentos escolares uma representação do que viria a ser a vida em sociedade. Nesse sentido, a finalidade principal das Associações era agregar e unificar os/as alunos/as e instigar coletivamente para uma formação que contemplasse a realidade social das quais estes/as faziam parte [...] (MASSIROLI; RABELO, 2015, p. 2).

Não identificamos, até o momento, a legislação que regulariza as AAEs; entretanto, as normas que eram objeto da legislação estadual catarinense sobre os jornais escolares se assemelham aos aspectos presentes no *ABC Literário*.

As normas catarinenses que versam sobre o jornal escolar estão ligadas à forma e ao conteúdo, segundo Rabelo (2013), e apontam as vantagens de se ter um jornal na escola, bem como orientações sobre o processo de escolha do nome do jornal e da formação da diretoria da associação do jornal escolar.

Ainda segundo a autora, conforme a determinação da Secretaria da Justiça, Educação e Saúde/Departamento de Educação de Santa Catarina,

[...] num dia e hora previamente designados, os alunos se reúnem na escola, e, a, primeira coisa a se fazer é a escolha do nome do jornal. Para facilitar êsse trabalho, o professor apresentará uma lista de dez nomes em colaboração com as crianças e, dentre esses, será votado um. Para isso, o professor distribue um pedacinho de papel a cada aluno presente e fará a apuração (SANTA CATARINA, 1944, p. 10, *apud* RABELO, 2013, p. 203).

O jornal *ABC Literário*, a partir de 1968, foi órgão do Grêmio Estudantil Osvaldo Cruz, em Dourados, Sul de Mato Grosso, sendo a continuação e ressignificação do jornal *O ABC*, iniciado em 1961, órgão do Grêmio Estudantil Coelho Neto, criado e dirigido pelo estudante secundarista Doratildo Pereira de Oliveira, do Osvaldo Cruz de Dourados (Ginásio em 1961, Colégio em 1968).

Segundo o egresso Doratildo Pereira de Oliveira (2018), a iniciativa da criação do Grêmio Estudantil e do Jornal veio dele, devido à sua experiência e ao contato com tais práticas no Colégio Estadual de Campo Grande/MT, antes de mudar-se para Dourados/MT em 1959:³

[...] olha, eu quando vim de Campo Grande para cá em 59, foi quando eu fundei esse jornal, fundei como ABC, e depois é que eu mudei para ABC literário, isso já foi algum tempo depois [...] eu que fundei os dois, a iniciativa foi minha, eu cheguei, fundei o grêmio e já senti a necessidade de ter o jornal [...] eu sempre gostei de jornal, lá em Campo Grande, antes de vir para cá, eu participava naquele jornal do Colégio Estadual de Campo Grande, eu sempre fui muito ativo. Quando eu cheguei aqui não tinha e de cara já fundei um [...] (OLIVEIRA, 2018, p. 2, 11-12).

Indagado sobre a escolha do nome em ambos os jornais, o entrevistado afirmou: “ABC [...] as primeiras letras do alfabeto. E depois eu mudei para literário porque ele era mais literário, [...] começou a aparecer assuntos mais interessantes, mais literários” (OLIVEIRA, 2018, p. 12).

Entretanto, a escolha do nome do grêmio foi sugestão do diretor do Ginásio, Prof. José Pereira Lins: “[...] esse grêmio... como que é o nome mesmo eu esqueço... Coelho Neto, foi até o Lins que sugeriu o nome [...]” (OLIVEIRA, 2018, p. 7). Pelo relato do egresso, podemos observar que o Prof. Lins, além de estar presente, era apoiador e o possível orientador do jornal, “[...] o Lins me deu um apoio muito grande na execução desse jornal, apoiou mesmo, ele relatava tudo que tinha que relatar [...]” (OLIVEIRA, 2018, p. 2).

Observa-se que, diferentemente do contexto catarinense apresentado por Rabelo (2013), o nome do jornal foi escolhido pelos estudantes, e a atuação do que seria o “professor orientador” esteve na escolha do nome da agremiação e no apoio e na manutenção do jornal escolar. No que se refere às vantagens de se ter um jornal escolar, a autora cita:

[...] primeiramente [...] a ideia de que o acervo constituído pelos jornais produzidos pelos estudantes poderia servir, futuramente, como material de pesquisa para o conhecimento das realizações do passado. Em segundo lugar, defende-se que a alma juvenil é um canteiro e que dela pode brotar, se estimulada, aptidões tão almeçadas na formação dos alunos, como narrar, descrever, produzir contos, poesias e crônicas, desenhar e ter uma caligrafia bem desenhada e legível. Em terceiro lugar, o conteúdo do jornal escolar novamente é lançado à condição de material de consulta histórica, mais precisamente sobre a região. Por último, o jornal escolar serviria como um instrumento para que a família pudesse acompanhar o progresso escolar de seus filhos e das demais crianças (RABELO, 2013, p. 203-204).

Das vantagens apontadas pela autora, a primeira e a terceira são mobilizadas na escrita deste texto, que considera o jornal escolar material de pesquisa para conhecimento do passado e como consulta histórica regional.

Em Rabelo (2013) também se encontram prescrições legais que orientam como o corpo do jornal deveria se composto, a saber: título, localidade, município, data, número, ano e nome dos dirigentes:

[...] o nível de detalhamento abrange, inclusive, as formas de organização e apresentação das páginas: cada página do jornal deverá ser riscada pelo meio, deixando de cada lado uma margem de um a dois centímetros. Nas primeiras páginas devem ser copiados os artigos para, em seguida, serem lançados outros trabalhos com diferentes títulos que melhor satisfizerem a sua orientação” (SANTA CATARINA, 1944, p. 11, *apud* RABELO, 2013, p. 2017).

Figura 1 – Capa do jornal *ABC Literário* (1968)



Fonte: Centro de Documentação Regional FCH/UFGD. HD externo, 2014.

As regras postas e exigidas pela legislação catarinense, em relação à forma e ao conteúdo do jornal escolar, estão presentes em todas as edições do *ABC Literário*, como podemos observar na Figura 1.

Supõe-se que, assim como o jornal escolar vinha ao encontro dos desígnios do grupo escolar em Santa Catarina, ocorreu o mesmo movimento no Sul de Mato Grosso, no Osvaldo Cruz em Dourados, tendo o jornal se tornado um importante instrumento no processo civilizador que a instituição, necessariamente, deveria desencadear com os estudantes, seus familiares e a sociedade local.

Considera-se, ainda, que o cuidado, o capricho e o esmero a serem dedicados à produção do jornal escolar estão implicados em uma estratégia, no sentido de torná-lo um veículo que pudesse oferecer uma determinada leitura acerca do Osvaldo Cruz e o quanto era importante tal instituição para a sociedade.

A materialidade do jornal *ABC Literário*

A incorporação do jornal estudantil na cultura ginásial douradense, tal como proposta pelo pensamento escolanovista, conforme já salientado, ocorreu por iniciativa de um estudante transferido do Colégio Osvaldo Cruz em Campo Grande/MT para o Colégio Osvaldo Cruz de Dourados: Doratildo Pereira de Oliveira, diretor e idealizador do jornal *ABC Literário*.

Entende-se que, para analisar um impresso e a construção de sua significação, é necessário “[...] pôr à luz as condições de produção” (LE GOFF, 2003, p. 525). Assim, tem-se como objetivo explicitar as formas que tomam o texto (formato, origem, produção, circulação, etc.), pois “[...] é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, [...] que não dependa de formas através das quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 1990, p. 127).

O jornal não tinha uma equipe de edição nem consultor. Possivelmente, sob a supervisão do diretor, responsável pela produção do jornal, embora não mencione isso em sua entrevista; o secundarista Doratildo Pereira de Oliveira informa que era ele quem recebia as colaborações dos alunos, filtrava e escolhia o que seria ou não publicado:

[...] praticamente era eu que fazia o jornal, eu que escolhia os assuntos, o que devia ser publicado, o que não devia, tem toda uma manobra aí

que eu procedia né [...] era uma questão pessoal mesmo, eu é que determinava se devia ou não publicar, eu não tinha consultor, não tinha nada, eu que decidia, se era bom, publicava, se não era, deixava pra lá (*apud* OLIVEIRA, 2018, p. 3, 12).

Diante desta informação, o entrevistado foi questionado sobre como ele organizava a estrutura do jornal, que tipo de matéria seria capa, o que se publicaria primeiro, entre outros aspectos; podemos perceber que os critérios, além de pessoais, estavam ligados à concepção de cultura e erudição do produtor com os colaboradores. “[...] era um critério meu [...] o que eu achava que era bom, que era bem escrito, eu cuidava muito da correção, então o rapaz tinha que saber mesmo escrever, era o que eu aproveitava” (*apud* OLIVEIRA, 2018, p. 11).

Embora o agente seja participante de um universo social comum e compartilhe as mesmas associações e significados dos demais estudantes, a produção da notícia, segundo Barros Filho e Sá Martino (2003, p. 119), “[...] acontece em espaços e momentos específicos dotados não apenas de técnica particular, mas também de noções, referências e significados particulares”. Nesse sentido, as contradições existentes nesse processo se perpetuam e reproduzem no conteúdo do jornal.

Os autores enfatizam ainda que toda tomada de decisão é fruto de inúmeras instâncias, e o jornalista em si não tem poder algum, o poder está nas mãos da empresa, “[...] entre a generalidade e a especificidade, escondem-se as particularidades do campo jornalístico que não podem ser reveladas sem um evidente ônus de todos os participantes” (BARROS FILHO; SÁ MARTINO, 2003, p. 120).

Nessa perspectiva, ainda que Doratildo Pereira de Oliveira informe que ele tinha o poder de decisão sobre o que publicar, compreendemos que essa autonomia era relativa, pois a tomada de decisão implicitamente estava nas mãos da Instituição de ensino e atendia aos seus anseios; em outras palavras, a tomada de decisão sobre “o que publicar” estava em permanente conflito com os poderes particulares do Osvaldo Cruz, preservando o *habitus* de grupo das frações das elites locais, para garantir a idoneidade e a estrutura do campo, como definidora de práticas, “[...] em outros termos, a projeção no plano pragmático de valores que são previamente compartilhados a partir de padrões culturais vigentes na sociedade – possui seu suporte operacional na complexidade do *habitus*” (SILVA, 2013, p. 83).

Ainda sobre o processo de produção, as edições de 1961 e 1962 foram feitas em mimeógrafo, que pertencia ao ginásio. Em 1968, as edições passaram a serem compostas e impressas nas oficinas gráficas de *A Folha de Dourados*, conforme consta nos créditos, e com tiragem inicial de 500 exemplares, algo do qual o egresso se orgulha e menciona em vários trechos da entrevista, enfatizando ser o pioneiro na impressão de jornal estudantil em gráfica.

[...] de primeiro também, a gente não tinha gráfica, o jornal era feito com [...] mimeografo, era cópia [...], o primeiro jornal aqui no estado, [...] jornal estudantil, foi o ABC, impresso em gráfica, antes era tudo feito com mimeografo. [...] o colégio Osvaldo Cruz [...] tinha um mimeografo, eu datilografava num papel especial, para depois passar, usava a máquina do colégio mesmo. Era eu que fazia o texto e que montava tudo. Ai depois a gente foi para a gráfica (*apud* OLIVEIRA, 2018, p. 2, 10).

A Figura 2 traz o registro da sala de material didático onde as impressões do jornal foram feitas:

Figura 2 – Sala de materiais didáticos



Fonte: Centro de Documentação Regional FCH/UFGD. CD-ROM, 2018.

O mimeógrafo está localizado na mesa do canto, encostada na parede, próxima ao mapa; as mesas possuem uma distribuição uniforme, a sala conta ainda com uma máquina de escrever, armário de arquivo, dois mapas na parede e um quadro de Santos Dumont.

Nas edições de 1961 e 1962 consta a distribuição gratuita dos exemplares; nas edições de 1968 este dado não aparece; entretanto, o estudante afirma em sua entrevista que todas as edições sempre foram distribuídas, os custos com a impressão na gráfica eram pagos pela publicidade veiculada no impresso (OLIVEIRA, 2018, p. 10).

A periodicidade do impresso era mensal, mas vale destacar que houve tiragens especiais, como, por exemplo, a de maio de 1968 com um número todo voltado ao Dia das Mães, caracterizando mais de uma tiragem no mês. O papel utilizado em todas as edições foi em tamanho tabloide, e o jornal possuía no mínimo quatro e no máximo seis páginas, com uma configuração assimétrica e diagramação da página dividida ora em duas, ora em três colunas.

A primeira página era o espaço de apresentação de algumas notícias que o leitor encontraria no miolo da publicação; entretanto, o mais comum era que as matérias iniciadas na primeira página do jornal fossem abruptamente interrompidas com uma indicação de que a continuação daquela matéria estava em outra página do jornal.

Ao indagar ao egresso sobre a iconografia das treze edições analisadas, encontra-se apenas três – uma caricatura (1961), uma propaganda (1962) e o brasão do colégio (1962) –, e ele foi enfático em responder que não tinha como fazer; compreendemos que pelo momento histórico de produção do jornal, considerando sua diagramação final, a localização do município e a história cultural da imprensa no Brasil,⁴ realmente não havia condições materiais e concretas para uso de iconografia nas impressões.

[...] nenhuma edição foi impressa em cores. A disposição do texto era apresentada em duas colunas, muitas vezes subdivididas, formando oito colunas por folha [...]. O número de artigos em cada edição variou entre oito e seis. Além dos artigos com temas diversos sobre educação, política e patriotismo, o jornal contava com colunas fixas com espaço para temas do cotidiano dos alunos, mantendo a média de quatro ou cinco colunas por edição. Os anúncios veiculados nas páginas do jornal giravam em torno de 20 nas primeiras edições (máximo de 25 e mínimo

de 19) e a partir do n. 9 baixaram quase pela metade, variando entre 13 e 11 anúncios, presentes em diferentes espaços e tamanhos no jornal (MOREIRA; RODRIGUES, 2017, p. 126-127).

No que se refere à circulação e recepção do impresso, observa-se que havia um diálogo com terceiros: grêmios estudantis, como o Grêmio Estudantil Ialense (do Instituto Americano de Lins) em São Paulo e o Grêmio Literário Euclides da Cunha de Corumbá/MT.

Na matéria intitulada “Da Correspondência” (1968) há agradecimentos para Cuiabá/MT, com mensagem ao jornalista Hélio Leite, para Campo Grande/MT na pessoa do Prof. Aguiar e um agradecimento especial a Hélio Taciro pelos postais, pelas congratulações e pelos incentivos enviados diretamente de Nova York (USA). Segundo o secundarista entrevistado,

[...] o jornal progrediu muito, porque eu enviava para os outros jornais, eu enviava lá para os outros grêmios, e realmente repercutiu na época, repercutiu bastante. [...] e vingou, pelo menos enquanto estava funcionando, estava funcionando bem, tinha bons participantes, bons colegas, tenho boas memórias deles [...] (*apud* OLIVEIRA, 2018, p. 1).

O jornal contava com colunas fixas com espaço para temas do cotidiano dos alunos, mantendo a média de quatro ou cinco colunas por edição

[...] As colunas das primeiras edições eram: “Pimenta”, “Mexericos do Pic-Nic”, “Sociais”, “O ABC nos esportes” e “Pensamentos”. A edição n. 6 apresenta as colunas: “Pimenta”, “Coluna Social”, “Pensamentos”, “Página Florida” e “Filme do mês”. O n. 7 exclui a coluna “Pensamentos”, e os números de 8 a 10 acrescentam a coluna “Bengala Mágica”. As edições da nova edição, publicadas em 1968, também variaram suas colunas, intituladas “O Pátio do Colégio”, “Pimentinhas”, “Sociais” e “Editorial”, resgatando nas últimas edições a coluna “Filme do mês”. (MOREIRA; RODRIGUES, 2017, p. 127).

As colunas sobre “Mexericos de cunho amoroso”, “Coisas que merecem destaque”, “Coisas que implicam”, “Coisas que torram”, “O que falta para a admissão” e “Leilão Escolar: quanto me dão?” expressam

frases desconexas uma das outras, todas, porém, carregadas de sentido sobre o cotidiano escolar dos alunos do Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados, algumas com duplo sentido, outras indecifráveis para “não alunos”, como exemplificado a seguir:

Pelos diminutivos do Juquinha?
Pela amizade de Laerte com o Tico?
Pelas complicações dos jogos de vôlei?
Pelo namoro do Ruisinho com...?
Pela procura de namorada do Munir?
Pelo noivado de um jovem do noturno?
Pelas aulas de português e matemática, as mais divertidas?
Pela “panca” do Edson Carlos (corvo)?
Pela amizade das inseparáveis Maria Lucia e Carmélia?
Pela brincadeira do Manuel Marcos que lhe deu dois dias de férias?
Pelas estrepolias da Edith durante as aulas de Física?
Pelo namoro do (incompreensivo) Faker? (coitado)
Pela paixonite da Leda por ...
Pela [...] entre Ramona e Roberto Pompeu? (O ABC, 1962, n. 9, p. 3).

[...]

Professor

– Êle estudou?

– Nada Professor. Nada mesmo!

– Mas como? O Sr. preparou a lição?

– Preparei, mas êle não consegue estudar nem a metade.

Fica logo enjoado...

NA AULA DE DESENHO

O professor: Por que deitas água no tinteiro?

O aluno: Porque o Sr. disse que fizessemos as lições com letras bem claras.

MÁGICO

Professor: Alguns dos Srs. quer que desapareça alguma coisa?

Renato Taka: Eu quero Sim Sr.

Professor: O que é?

Renato: Um furúnculo aqui eu tenho atrás do Pescoço... (O ABC, 1961, n. 2, p. 3).

Ademais, o jornal circulava no comércio local dos anunciantes, entre os estudantes do ginásio, egressos e amigos do diretor do jornal. Um aspecto importante do contexto histórico de produção do jornal, que não se pode deixar de evidenciar é que as edições datam de um período anterior e posterior ao golpe militar de 1964 que instaurou a Ditadura Militar no País, ocasionando mudanças drásticas em todas as esferas de poder e na educação.

Assim, é relevante discutir como este momento histórico impactou na produção do impresso e em suas matérias veiculadas. Durante as entrevistas, o egresso evitou falar deste momento em específico, disse apenas que foi um período em que ele precisou deixar a cidade. Quando indagado sobre essa lacuna de seis anos entre as publicações, ele a menciona como se tivesse sido um período de alguns meses.

[...] é... mas pouco tempo, questão de alguns meses né, quando eu fui embora daqui em 61, é lógico, eu passei para outro, e esse outro às vezes falhava, ele não publicava todos os... todo mês, mas não houve assim uma paralisação formal, uma coisa que... e quem ainda, mesmo não estando aqui, ainda quem orientava, quem fazia alguma coisa era eu que fazia, eu estava em Três Lagoas por exemplo, morei em Andradina, em Três Lagoas fundei um outro jornal lá, estudantil também, só esse eu parei porque foi em 64 e na época da revolução né, o exército é que tomava conta, e eu me lembro que eu tinha um professor de..., não me lembro também do que, mas era um professor que ele era um capitão do exército, e ele me aconselhou a não continuar com aquele jornal, e então saiu uma edição, não houve uma censura formal também, apenas ele me recomendou para eu parar, foi um conselho mesmo, na época eu tinha o que, meus 20 e poucos anos, é eu tinha uns 24, 25 anos, aí eu resolvi, porque na época também era muito leitor daquele jornal “O Pasquim” e “O Pasquim” era contrário ao exército, havia aquela... aquela censura né, mas eu tive textos publicados no “Pasquim”, e eu resolvi parar, para não criar problema para mim né, que tava sozinho lá em Três Lagoas, aí eu falei não, deixa dar um tempo aí, e parei (*apud* OLIVEIRA, 2018, p. 11).

Em dado momento da entrevista, foi mencionado que, em visita à ADL, não foram encontradas obras publicadas com seu nome, apenas um livro escrito em conjunto com o professor José Pereira Lins, intitulado *O poeta desconhecido*. O egresso informou que ele possui muito material publicado, mas com seu pseudônimo “Miguel de Oliveira”, criado nessa lacuna e em sua estadia por Andradina/SP.

Durante as entrevistas, estes foram os momentos em que se percebeu a escolha das palavras, as pausas durante um raciocínio, um autor que precisou criar um pseudônimo para expor suas ideias e que quase não tem material publicado com o nome próprio, foi um momento de muitos “não-ditos” que refletem todo um momento histórico.

Considerações que não se findam

Este texto teve como objetivo caracterizar o jornal *ABC Literário*, a partir de sua materialidade, a fim de contribuir na ampliação do uso do documento como fonte e objeto de pesquisa. Destacam-se as possíveis relações entre a imprensa estudantil e o ensino secundário, com seu surgimento aliado às concepções do escolanovismo, centrado no interesse dos alunos. Os estudantes, por meio da participação social e política, tiveram neste veículo um espaço fundamental como meio de comunicação social. A incorporação do jornal estudantil na cultura ginásial douradense ocorreu por iniciativa de um estudante do Colégio Osvaldo Cruz de Dourados.

No entanto, por mais inovadora que fosse a proposta, as primeiras edições foram feitas em mimeógrafo e não havia condições materiais e concretas para uso de iconografia nas impressões. A partir de 1968, as edições eram compostas e impressas nas oficinas gráficas de *A Folha de Dourados*, arcadas com o ajuste de patrocinadores, mensalidades dos filiados à agremiação e doações.

Observa-se que se tratava de um jornal bem-elaborado e bem-apresentado, demonstrando muito daquilo que a escola e seus estudantes poderiam produzir, o que certamente causava impacto aos familiares e estreitava os laços entre estes e a direção da escola e seus docentes. Além disso, seguindo-se esses princípios de qualidade e apresentação, o jornal funcionaria como um instrumento no processo civilizador a ser desencadeado pelo educandário, inculcando hábitos, repassando códigos de moral e de conduta e impondo os valores almejados pelo ideário republicano.

O impresso estudantil tem potencial de fonte e objeto de pesquisa na investigação da trajetória da instituição de Ensino Secundário “Oswaldo Cruz de Dourados”, das práticas e representações criadas em torno da referida instituição e do movimento secundarista estudantil, contribuindo assim para a (re)escrita da história da educação e do Ensino Secundário, no Sul de Mato Grosso e das instituições educativas de Dourados e região.

Notas

¹ La prensa de los colegiales [...] Es el resultado de una experiencia pedagógica autónoma de los adolescentes de un colegio particular, o de un instituto público de segunda enseñanza, que suele ubicarse en el ámbito de la enseñanza de la lengua y la literatura, y por ello suele contar con el beneplácito, incluso el apoyo, del profesor de esas disciplinas. Por tanto, el periódico de estos estudiantes adolescentes suele convertirse en una oportunidad para plasmar en el papel vocaciones literarias, poéticas o narrativas, y en menor grado críticas con la institución a que pertenecen (HERNÁNDEZ DÍAZ, 2015).

² O serviço das associações auxiliares da escola tem, por fim, a reorganização da escola em bases de comunidade social de trabalho em cooperação e sua articulação com o meio social por todas as medidas que tendem a estender seu raio de ação educativa e a tornar estreita a colaboração entre a escola, a família e as outras instituições sociais. Viria, na sua ação educativa: 1 – responder aos problemas que surjam às crianças e adolescentes na vida escolar ou doméstica; 2 – inculzir o gosto e hábitos de trabalho e de ação, por

meio de clubes, concursos, exposições, etc.; 3 – organizar excursões, teatro, etc. que, satisfazendo aos fins recreativos, possam desempenhar função educativa. Procura oferecer aos alunos oportunidade de exercitar atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação, pela organização de associações escolares, estudos em comum, campanhas em prol de aspirações sociais e outras formas de atividade social próprias da infância (SANTA CATARINA, 1946, p. 21, *apud* RABELO, 2013, p. 202).

³ Segundo Le Goff (2003), a memória é um fenômeno individual ligado à vida social, que varia em função da presença ou ausência da escrita; observamos que, na memória do agente entrevistado, o jornal foi fundado em sua chegada na cidade, em 1959; entretanto, os jornais datam de 1961; salientamos, assim, que o agente consegue conservar traços de acontecimentos do passado de certo modo de apropriação do tempo que difere dos registros históricos escritos.

⁴ Sobre a História Cultural da Imprensa no Brasil 1900-2000, consultamos a obra de Marialva Barbosa (2007).

Referências

- ABC Literário – Órgão de Iniciação Literária do Grêmio Estudantil Osvaldo Cruz. Coleção Osvaldo Cruz de Dourados. *Centro de Documentação Regional FCH/ UFGD*. HD Externo. Dourados, MT, Ano 1, n. 2, abr. 1968.
- ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BASTOS, Maria Helena Camara. Traçando vidas escolares a partir de um impresso: “JB – Jornal do Becker” (Colégio Estadual D. João Becker – 1985/1996). In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (coord.). *La prensa de los escolares y estudiantes: su contribución al patrimonio histórico educativo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015. p. 59-70.
- AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. *História da Educação*, Pelotas, v. 11, p. 117-130, abr. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30602/pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- AMARAL, Giana Lange do. Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930-1960). *Hist. Educ.*, Santa Maria, v. 17, n. 40, p. 121-142, ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592013000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 ago. 2017.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa no Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARROS FILHO, Clóvis de; SÁ MARTINO, Luís Mauro. *O Habitus na comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BASTOS, Maria Helena Camara Bastos. Impresses e cultura escolar percursos da pesquisa sobre a imprensa estudantil no Brasil. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (coord.). *La prensa de los escolares y estudiantes: su contribución al patrimonio histórico educativo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015. p. 9-43.
- BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244 de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 6717, 24 abr. 1942. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br>. Acesso em: 10 de março de 2016.
- CATANI, Denice Barbosa; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).
- HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (coord.). *La prensa de los escolares y estudiantes: su contribución al patrimonio histórico educativo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MASSIROLI, Vanessa; RABELO, Giani. As associações auxiliares da escola em Santa Catarina: entre a escola nova e a pedagogia tradicional. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E PROCESSOS EDUCATIVOS. 2015. *Anais [...]* UNESC, Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/2193/2082>. Acesso em: 28 jun. 2019.

MOREIRA, Kênia Hilda; RODRIGUES, Eglem Oliveira Passone. O Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados nas páginas do jornal estudantil ABC: ensino secundário no Sul de Mato Grosso nos anos 1960. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 22, n. 46, p. 113-136, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/999>. Acesso em: 21 dez. 2018.

O ABC. Órgão do Grêmio Estudantil Coelho Neto. Coleção Osvaldo Cruz de Dourados. *Centro de Documentação Regional FCH/UGD*, HD Externo, Dourados, MT, ano 1, n. 2, maio 1961.

_____. Dourados, MT, ano 2, n. 9, abr. 1962.

OLIVEIRA, Doratildo Pereira de. *Entrevista I* [set. 2018]. Entrevistadora: Autora. Dourados, MS, 2018. 1 arquivo M4A (1h48m23s).

RABELO, Giani. O jornal escolar O Estudante Orleanense (Santa Catarina, 1949-1973). *Revista História da Educação [online]*, [s.l.], v. 17, n. 40, p. 197-219, ago. 2013.

SILVA, Marcos Paulo da. As dissonâncias cotidianas nas rotinas dos jornais: o *habitus* jornalístico e a atribuição de um sentido hegemônico às notícias. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 69-84, jan./jun. 2013.